

## VENCER A POBREZA NA ÍNDIA (III)

## A população, dividendo demográfico



**EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO**  
Professor da AESE, presidente da AAPI – Associação de Amizade Portugal-Índia

Os conceitos dos dois artigos anteriores reforçam-se: ao haver crescimento inclusivo, as pessoas podem produzir mais e ter uma vida mais “humana”; o hábito da inovação frugal reduz custos para que os produtos/serviços sejam acessíveis e vão descendo à base da pirâmide, criando economias de escala e reforçando a inclusão social.

Quando as crianças tiveram instrução obrigatória, vêm com certa preparação intelectual e mais tarde, adultas, fazem trabalhos onde rendem mais. Se tiveram uma alimentação sã e uma atenção médica na doença, apenas lhes falta encontrar um trabalho que façam com gosto, e onde possam produzir e progredir. David Bloom, prof. de Harvard, lançou o termo “dividendo demográfico”, como algo que dará frutos a seu tempo. O problema das economias pobres é que começaram a sua caminhada tão pobres (e desfeitas pelo colonialismo) que criaram um ciclo vicioso da pobreza: má alimentação, doenças, poucas escolas, necessidade de as crianças trabalharem em ocupações de fraca remuneração, mais pobreza... E, em lugar do dividendo demográfico, acabou por se criar um “fardo” ou “pesadelo demográfico” a perpetuar o ciclo da miséria.

Felizmente, uma boa parte das economias pobres e populosas, outrora muito ricas!, após esforços, puseram-se na situação interessante: produzem em quantidades, com economias de escala, a preços muito baixos. Além disso, ser empresário nessas economias é algo que muitos (todos) querem ser, pois a sociedade louva-os e aponta-os como modelo de apreço social, que criam trabalho para os outros. Na Índia até criaram uma Faculdade de Empreendedores, em Gurgaon, perto de Nova Deli, que vai ser um grande sucesso.

O futuro próximo exigirá da Índia,

anualmente, trabalho para 12-15 milhões de jovens que acedem ao mercado de trabalho. Mas as associações empresariais estão otimistas, no que toca à Indústria e Serviços. Falta apenas que as reformas adiadas se tornem efetivas, com decisões corajosas de “libertar” mais a economia, sem complexos ideológicos.

A indústria quer criar cem milhões de *jobs* nos próximos dez anos. O setor têxtil, por si, vai criar 35 milhões, passando a produção de \$70 000 M para \$300 000 M em 2025; a indústria eletrónica quer passar de \$45 000 M, em 2010, a \$400 000 M em 2022; a indústria do automóvel vai passar de produzir \$30 000 M, em 2010, a \$120 000 M, em 2022.

Os serviços estão animados: a Nasscom quer criar 30 M de *jobs* em TI, passando a produção de \$100 000 M, em 2012, para \$300 000 M, em 2022. O turismo pode facilmente multiplicar por dois, dos atuais 20 M para 40 M de turistas em 2025. A distribuição a retalho pode valer \$500 000 M em 2022 e criar cem milhões de empregos nos próximos dez anos.

A indústria farmacêutica parte de um grande treino, dos tempos do estéril socialismo indiano, quando tudo era miséria. Agora com um mercado interno amplo, com poder de compra, exportando para os países pobres e ricos *cost-conscious*, a bons preços.

Há anos, o presidente da Cipla (Mumbai, com fábricas em Goa), Dr. Yusuf Hamied, deu uma conferência de imprensa em Londres, para dizer que o “seu” remédio para a sida seria vendido por \$350 a dose anual. Houve vozeria e “chamar nomes”, pois as multinacionais vendiam o produto original por \$10 000 a dose anual. Com razão acusavam a Cipla de não fazer I&D, mas Hamied contrapôs que era imoral não fazer cópias, pagando *royalty*, para salvar vidas que delas careciam e nem de longe sabiam quanto era \$10 000. É que na Índia pobre (assim deixada pelo colonizador) não há um SNS que subsidie os remédios. Isso é luxo dos “ricos”.

Nunca as perspectivas foram tão animadoras e a restrição pode ser a falta de técnicos para a variedade de ocupações: artesãos para a construção civil, técnicos de mecânica automóvel, de eletrónica em geral e de computadores, etc. Daí a grande avidez de escolas de formação profissional para toda a variedade de especialidades.

“  
Acabou por se  
criar um ‘fardo’  
ou ‘pesadelo  
demográfico’”